

## LEI 11.645/08 E A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA

Autora: Maria Carolina Neves Lopes<sup>1</sup> - Orientadora: Talita Pereira Vidal

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - carolinalopes.uerj@gmail.com

### Introdução

O presente trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado em andamento intitulada “Temática indígena na escola: desafios curriculares frente às exigências da Lei 11.645/08” que tem por objetivo analisar os significados atribuídos à temática indígena por professores regentes em atuação no Ensino Fundamental na Rede Municipal de Ensino de Duque de Caxias.

A pesquisa se insere no campo dos estudos curriculares desenvolvidos a partir de uma abordagem pós-estruturalista e pós-colonial que têm se mostrado produtivas para pensar as temáticas associadas às questões culturais e identitárias e suas implicações para o currículo. Dessa perspectiva, trata-se de pensar o currículo como *espaço-tempo de fronteira cultural* (MACEDO, 2006a) o que implica reconhecer que o currículo se realiza em meio a processos de negociação e tradução de sentidos que proliferam em contextos marcados pela ambivalência dos pertencimentos identitários.

Penso que essas reflexões são produtivas para pensar as formas pelas quais as temáticas indígenas atravessam o campo curricular, para além dos limites pensados por uma perspectiva multicultural do currículo em que a diferença é tratada como diversidade sem dar conta de responder de forma mais efetiva às demandas de uma sociedade multicultural.

### Lei 11.645/08 e Currículo

A Lei 11.645/08 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) estabelecendo a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena” no ensino fundamental, ensino médio, públicos e privados, sendo em especial seu ensino nas áreas de Artes, Literatura e História Brasileira. Segundo Silva (2012), a Lei representa uma vitória, tendo em vista que o estudo da temática indígena pode contribuir para a superação da desinformação que favorece a produção de estereótipos e preconceitos sobre os povos indígenas. Um avanço na direção de garantir a esses povos seus direitos tendo respeitadas suas diversas formas de expressão socioculturais.

Relevante destacar que a obrigatoriedade da História e Cultura Afro-brasileira no currículo já era garantida pela Lei 10.639/03, mas somente em 2008 que a temática indígena passou a integrar essa obrigatoriedade.

O espaço escolar vive em articulação com as diferentes culturas, dialogo com a perspectiva de currículo como *espaço-tempo de fronteira*, o qual é significado e ressignificado a todo momento, nos fazendo pensar na impossibilidade de fixar identidades e/ou excluir outras, por mais que isto seja pensado por algumas políticas curriculares.

Desta maneira a escola pode questionar a ideia de um currículo unicamente como um documento a ser seguido, posto que é uma produção curricular contextualizada que envolve

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas UERJ/FEBF (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense).

uma disputa desses significados, é um espaço de troca, onde sentidos, interpretações e enunciações são criados e disputados e, o currículo que amplia as produções culturais pode trazer para os sujeitos integrantes o reconhecimento das diferenças.

Assim, pensar o currículo por meio desta concepção, pode nos ajudar a atribuir sentidos ao que se ensina e vivencia na escola. Muito mais que contextualizar o conhecimento do aluno, é importante que este possa se identificar e se perceber neste espaço. Para isso vale considerar que as diferentes manifestações culturais estão em constante diálogo e negociação.

### **Temática Indígena na Escola**

Busco apresentar, nesta parte, uma proposta de trabalho com a temática indígena pensadas por uma professora desta Rede de Ensino. Entendendo sua importância tanto para a prática docente quanto para o processo de ensino aprendizagem dos alunos em formação, visando o uso desta pesquisa como fonte para o diálogo e reflexão sobre a diferença na escola.

A professora Monica leciona no Município de Duque de Caxias desde o ano de 1998, região localizada na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Trabalha com a educação infantil e turmas do 4º e 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos distritos de Imbariê e Xerém, “lugar de muita terra e de muito verde, um lugar extremamente Quilombola e Indígena [...]” relata Monica.

A Baixada Fluminense no século passado era povoada pela etnia Jacutingas, atualmente índios urbanos moram em alguns distritos do Município, registros nos jornais da cidade informam que são das etnias Cariri Chocó, Guarani, Puri, Tabajara e Tupinambá. Diante deste cenário, Monica faz o exercício de “olhar para dentro” e realiza um trabalho diferenciado, tornando os alunos *pequenos desbravadores* da sua história.

O trabalho pedagógico é feito com e para os alunos, nasce de um instante, de uma brincadeira, de uma atividade. Segundo Monica não é nada muito planejado e sim vivido, como exemplifica “enquanto se brinca de três marias, de bola de gude, fala da pedra, do mineral, da tribo, de um conhecimento africano e outro indígena, é simples assim”.

O planejamento é realizado em conjunto com alguns professores da escola. Há muita resistência, segundo Mônica, em colocar no currículo propostas de trabalho com a temática indígena e africana. Relata que isso ocorre por falta de interesse dos professores e direção e/ou por considerar que tal proposta seria algo além do que deveria ser ensinado aos alunos.

O trabalho de Monica muito mais do que dar visibilidade aos donos desta terra é o de mostrar que somos frutos dela, nossas raízes se encontram e isso pode vir a ser uma forma de buscar o respeito às diferenças. O registro dessas atividades, teve como proposta, abrir uma página na rede social – Facebook - para expor tudo o que se aprendia em aula, informar sobre variados assuntos e compartilhar experiências.

Essa proposta, segundo Monica, objetiva aproximar os alunos tanto das temáticas indígenas como da afro-brasileira e africanas, a fim de conhecer e desconstruir ideias equivocadas. Como também, desenvolver o senso crítico e de análise sobre a situação atual dessas populações em diálogo com o aprendido em sala de aula. A seguir, apresento o registro de uma produção textual - 4º ano do Ensino Fundamental.

Figura 1. Texto de um aluno sobre a aula do dia.

em história estamos estudando a independência do Brasil, essa pesquisa vai ser longa por que a história da independência ainda não acabou. por que agente tá descobrindo que não tem terra para todos. e ainda agora os estados unidos, Alemanha e ali o Japão, eles agora são donos de um pedaço da amazônica! e isso é sério, sério demais porque os índios até hoje estão sem terra. e tem muitos índios que ainda mais foram descobertos. eles ficam lá para dentro da floresta. a lei 10.639/03 existe para garantir a cultura africana e agora estamos também conhecendo a lei 11.645/03 que garante a cultura indígena, porque somos todos descendentes de negros e índios.

Fonte: Rede Social da professora.

Figura 2. Texto coletivo da turma sobre as culturas indígenas.

"Os índios e a natureza."  
Os índios vivem nas tribos. Mas existem tribos diferentes.  
Em rituais e festas, eles se pintam com uma semente chamada "URUCUM". Eles fazem saias de palha, colares, pulseiras... As crianças fazem brinquedos com objetos da natureza.  
O chefe da tribo se chama "CACIQUE". O "Pajé" é o líder espiritual da tribo. Ele cura pessoas com ervas e resas. Os índios vivem em "OCAS" feitas de palha, madeira e cipó. Eles usam canoas e jangadas para se transportar o fogo para os índios é muito sagrado. Eles usam a fogueira para rituais e alimentos.  
Hoje em dia, já tem índios que vivem como nós da cidade. usam roupas, carros e até computadores... Isso acontece porque os governantes estão tentando tomar o lugar deles para construir algumas hidrelétricas, porque os políticos querem ganhar mais dinheiro. não está havendo, respeito, nem complicação com os índios. Os índios aprendem com a natureza e nós temos que aprender com os índios e a natureza e respeitar a eles também  
TEXTO COLETIVO. TURMA:401

Fonte: Rede Social da professora.

Durante todo o ano letivo é inserido no planejamento um momento para contar histórias, cantar, pesquisar sobre as culturas indígenas. E dessa maneira, Monica relaciona assuntos da atualidade com os conteúdos. Aproveita-se a arte manual e gráfica desses povos para elaboração de artesanatos, baseia-se também em literaturas infantis e infanto-juvenil da biblioteca da escola como fonte de pesquisa.

Desse modo, a professora segue realizando propostas de inserção da temática indígena na escola. Apresento abaixo uma de suas falas que expressa sua gratidão pelo trabalho realizado.

“É muito gratificante ver a coisa acontecer e o que tem que te alimentar não é pensar que está fazendo a mudança só num local e sim pensar que cada grão como um monte de areia, cada parágrafo que você fechar de um texto tem ver como um livro em potência, cada palavra que usar numa fala tem que ver como um cântico que atravessa”.

### Considerações Parciais

O espaço escolar é lugar de múltiplas produções culturais, onde o diálogo entre os diferentes promove a troca de sentidos e interpretações, na construção de um currículo como arena de produção cultural (MACEDO, 2006).

A Lei 11.645/08 é uma importante ação conquistada e que visa garantir o ensino desta temática, objetivando uma sociedade mais democrática. Neste contexto, o espaço escolar deve ser o lugar onde a diferença seja algo que contribua para o aprendizado de todos, deixando de promover a exclusão. Acredito que só assim “deixaremos de tratar as diferenças socioculturais como estranhas e folclóricas [...]” (SILVA, 2012 p.5).

As propostas de trabalho com a temática indígena, para alunos não indígenas, operam como uma estratégia para superar o preconceito e a discriminação, frutos dos violentos processos de colonização a que foram submetidas essas culturas. O conhecimento sobre os povos indígenas faz parte do conhecimento sobre a sociedade brasileira e como a mesma se constitui, por se tratar dos povos originários e suas culturas que estão enraizadas nos costumes, comidas típicas, brincadeiras, vocabulários, do povo brasileiro.

Em síntese, a escola possui papel significativo no que tange a apresentação de diferentes manifestações culturais, para que seja construído o reconhecimento e respeito por cada manifestação nesse espaço. Desse modo, dialogando com a perspectiva de currículo como *espaço-tempo de fronteira*, a escola tem a possibilidade de mudar este cenário.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BESSA FREIRE, J.R. (2000). Cinco ideias equivocadas sobre o índio. In: Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH). Nº 01. P.17-33. Manaus-Amazonas.

BRASIL, LEI 11.645 de 10 de março de 2008. Presidência da República, Casa Civil. Acesso: <http://www.planalto.gov.br/ccivil>

LOPES, Alice Casimiro. Teorias de Currículo / Alice Casimiro Lopes, Elizabeth Macedo. – São Paulo: Cortez, 2011. Apoio: Faperj

MACEDO, Elizabeth (2006). Currículo: política, cultura e poder. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.2, pp.98-113.

MACEDO, Elizabeth. Currículo e hibridismo: para politizar o currículo como cultura – Revista Educação em Foco – UFJF (Fevereiro 2003, volume 8, nº 1-2, p. 13-30).

SILVA, Edson. POVOS INDÍGENAS: HISTÓRIA, CULTURAS E O ENSINO A PARTIR DA LEI 11.645. Publicado in [www.revistahistorien.com](http://www.revistahistorien.com) revista Historien UPE/Petrolina, v. 7, p. 39-49, 2012.